

O LOCAL DO OLHAR NA REPRESENTAÇÃO DA FAVELA ATRAVÉS DOS MICROCURTAS DO PROJETO MORRINHO

Luciana Silva Camara da Silva¹

RESUMO: A partir da leitura de dois microcurtas *A revolta dos bonecos* e *Lágrimas e revolta pelo irmão Alex*, produzidos na TV Morrinho, criada por jovens moradores da Favela do Pereirão, este artigo demonstra os processos de autorrepresentações da alteridade ativadas em territórios de fronteira urbana. Serão utilizados os conceitos de "fragmentação sócio-espacial" (Marcelo Lopes de Souza), "mediação/negociação" (Jesús Martín-Barbero) e "tradução cultural" (Mary Louise Pratt) e da imagem de "refúgio humano", proposta por Zygmunt Bauman, buscando-se pensar a possibilidade de construção de uma autoimagem através de uma voz híbrida nos enclaves periféricos da urbe. Os moradores destes espaços constroem um novo discurso colocando em discussão antigas práticas de representação típicas de um olhar "orientalista", tal como definiu Edward Said. Desse modo, uma nova imagem da favela é produzida negociando-se com a visão que se construiu sobre ela. A informatização como instrumento de modernidade aparece como um elemento a mais neste processo e como objeto de empoderamento para estas novas vozes, antes silenciadas. A instalação artística do *Morrinho* representa numa espécie de maquete das favelas do Rio de Janeiro episódios da vida e da(s) cultura(s) das favelas, pluralizando-se informações, olhares e vozes locais, gerando uma nova identidade coletiva no contexto global.

Palavras-chave: Projeto Morrinho; Favela do Pereirão; Culturas Híbridas.

The look at local representation of slum through micro-short of Project Morrinho

ABSTRACT: From the reading of two micro-short *The revolt of the puppets* and *Tears and anger by his brother Alex*, produced in Morrinho TV, created by young residents of the Favela Pereirão, this article demonstrates the self-representations of processes of otherness activated in urban frontier territories. The concepts of "socio-spatial fragmentation" (Marcelo Lopes de Souza) will be used, "mediation / negotiation" (Jesús Martín-Barbero) and "cultural translation" (Mary Louise Pratt) and image of "human waste", proposed by Zygmunt Bauman, seeking to think the possibility of building a self-image through a hybrid voice in peripheral enclaves of the city. Residents of these areas build a new discourse putting in discussion old typical representation practices a look "Orientalist" as defined Edward Said. Thus, a new image is produced slum negotiating with the vision that was built on it. Computerization as modern instrument appears as one more element in this process and how empowerment object to these new voices silenced before. The artistic installation of Morrinho is a kind of model of the favelas of Rio de Janeiro episodes of life and (s) culture (s) of the slums if pluralizing-information, looks and voices, creating a new collective identity in the global context.

Key-words: Morrinho Project; Favela Pereirão; Hybrid cultures.

¹ Mestranda em Poética do Departamento de Ciência da Literatura, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). lhucamara@gmail.com

Los estudios subalternos tratan sobre el poder, quien lo tiene y quien no, quien lo está ganando y quien lo está perdiendo. El poder está relacionado a la representación: ¿cuáles representaciones tienen autoridad cognitiva o pueden asegurar la hegemonia, cuáles no tienen autoridad o no son hegemónicas? (BEVERLEY, 2004).

Fundando nosso olhar neste objeto concreto que é a produção simbólica de sujeitos oriundos de um espaço periférico, a proposta deste artigo visa abordar, a partir da análise de dois micro-curtas, – *A revolta dos bonecos* (2007) e *Lágrimas e revolta pelo irmão Alex* (2001-2003) – produzidos pela TV Morrinho, os processos de autorrepresentação da alteridade ativados em territórios de fronteira urbana. Trata-se de uma organização não governamental, criada em 2001 pelos diretores de cinema Fábio Gavião e Marco Oliveira juntamente com jovens moradores da Favela Vila Pereira da Silva, popularmente conhecida como Pereirão, localizada no bairro de Laranjeiras, Zona Sul do Rio de Janeiro.

Os dois curtas têm como cenário o *Morrinho*, uma maquete de cerca de 300 m² ², montada por jovens moradores da favela em uma das encostas do morro do Pereirão que surgiu de brincadeira de crianças, quando, em 1997, Nelcirlan Souza, de 14 anos, e mais sete meninos do local lançam mão do que possuem a seu alcance para representar o mundo em que vivem.

Dando um outro aproveitamento aos tijolos que sobram das construções e a objetos refugados pela sociedade industrial, como os blocos de LEGO, brinquedo constituído por peças que se encaixam permitindo inúmeras combinações, mas cujas partes isoladas não têm significado ou valor em si, o jogo de criança deixa de ser mero entretenimento e se transforma em um canal de expressão usado para negociar a imagem que fazem de si em diálogo com a imagem que outros fazem deles. Ou seja, o elemento lúdico (que já era sério na perspectiva dos jovens) passa a outro patamar discursivo quando ativa uma linguagem estética central no processo de construção e desconstrução de identidades.

Elementos precários do cotidiano, como os tijolos, as encostas do próprio morro e os bonecos plásticos improvisados a partir de blocos dessa popular marca enraizada no Brasil nos anos 80 são utilizados como instrumentos de voz, elementos concretos do processo de autorrepresentação deste espaço urbano segregado. Colocam-se em cena casas de alvenaria, escadarias, ruas e estabelecimentos comerciais, bem como os moradores e policiais, de diferentes morros que povoam o imaginário da cidade do Rio de Janeiro criando novos cenários e novos atores.

² Esse dado foi informado em visita *in loco*, feita em 2010.

O curta *A revolta dos bonecos* dramatiza a indignação dos brinquedos-personagens que seriam deixados na maquete original, enquanto aqueles que os manipulam partem para montar uma réplica do Morrinho na Bienal de Veneza. Antes meros objetos de uma *performance* dominada pelos sujeitos da representação, os bonecos externam sua perplexidade e revolta por não serem levados em conta. Querem também ir para o exterior, juntamente com aqueles que conquistaram reconhecimento representando o espaço onde eles “vivem”.

Como uma alegoria dos favelados que não assumem uma existência concreta mesmo quando seus espaços de moradia despertam o fascínio de um olhar exótico, os bonecos projetam uma voz subversiva e a partir daí, trava-se uma luta pelo protagonismo do processo de representação, colocando a questão de quem são os verdadeiros “artistas”, ou seja, problematizando onde está a voz e onde estão os donos da voz.

Como fica claro na fala de um dos bonecos, há uma relação de interdependência que não pode ser rompida: “se não fosse a gente vocês também não viajavam. Tem que levar a gente”. O pertencimento dos que se convertem em sujeitos do discurso ao campo da arte depende da visibilidade daqueles que são o objeto da representação.

Em *Lágrimas e revolta pelo irmão Alex*, produzido quatro anos antes, já despontava a representação da favela e dos moradores deste espaço como objeto de problematização. Pautando-se no choque entre o discurso da mídia e uma perspectiva interna, a obra questiona a representação de “bem” e o “mal” dos discursos cristalizados.

Alheio a idealizações, o discurso dos jovens do Morrinho reconhece que a violência é um dos elementos constitutivos de seu ambiente, embora ressaltem que este é somente mais um dado de uma realidade complexa que muitas vezes é generalizado através de um olhar externo e essencializador sobre o mundo do Outro, daquele que é mantido à margem da cidade e do poder de se representar.

Dialogamos aqui com um dos sentidos que Edward Said associa ao conceito de orientalismo. Segundo ele, o orientalismo pode ser pensado como um tipo de discurso ou mesmo uma instituição organizada para negociar com o diferente, o que para ele é o Oriente e no nosso caso trata-se da população periférica ou moradora dos territórios oriundos da segregação sócio-espacial, já que

a estratégia do Orientalismo depende dessa *posição* de superioridade flexível, que põe o ocidental em toda uma série de possíveis relações com o Oriente sem jamais lhe tirar o relativo domínio. [...] a indagação imaginativa

das coisas orientais era baseada mais ou menos exclusivamente numa consciência ocidental soberana, de cuja centralidade não questionada surgia um mundo oriental, primeiro de acordo com ideias gerais sobre quem ou o que era um oriental, depois de acordo com uma lógica detalhada regida não apenas pela realidade empírica, mas por uma bateria de desejos, repressões, investimentos e projeções (SAID, 2007, p. 34-35).

Dessa forma, a própria voz dos meninos do Pereirão através da maquete e da TV Morrinho seria uma espécie de rebelião diante de um discurso orientalista, pois não se deixa silenciar e recorre a um elemento cotidiano que eles transformaram em linguagem para assumir a sua própria representação.

Este segundo curta, com sequências rodadas em câmera lenta e com grande apuro cênico, mostra a família do traficante Alex e os moradores da favela do Fogueteiro, onde ele morava, iniciando uma manifestação para denunciar que sua morte não foi um acidente, mas sim um homicídio cometido pelos policiais.

O boneco Coronel Araújo dá uma entrevista a uma rede de TV afirmando que, no momento do acidente, Alex fazia o transporte de armas e drogas entre duas favelas. Na cena seguinte, a polícia ameaça os manifestantes que já começam a descer o morro clamando por justiça.

A crítica à ação policial é explícita e demonstra que o controle social também é controle do discurso: a utilização do poder da instituição da ordem se dá como tentativa de silenciamento dos moradores. Notamos, dessa forma, que diferentes olhares são criados pela TV Morrinho, através da produção dos vídeos, o mal e o bem convivem lado a lado, como fator análogo à realidade de se viver numa favela.

A apropriação desse instrumento de voz representado pelas novas tecnologias em associação com o precário e refugio permite pluralizar idéias através de canais como o *YouTube* onde os micro-curtas estão disponíveis para apreciação de forma gratuita divulgando o trabalho dos meninos e apresentando a comunidade a partir de um outro olhar, o dela própria.

Podemos dizer que o domínio sobre os meios de representação hegemônicos por parte desses personagens é uma forma, assim como assinala Martín-Barbero, de trazer “à luz novos atores sociais que questionam a cultura política tradicional” (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 285). A fala desses grupos, através desses agentes é uma forma de inserção dos diversos olhares que a favela possui, não ficando a imagem do senso comum de que é somente um espaço da marginalidade.

Todo esse processo tem sido fundamental para a construção de identidades e representa um diálogo do subalterno com uma nova cultura de massa, o que cria possibilidades de ampliar o cenário midiático e diversifica os atores, rompendo com uma lógica perversa que tenta reduzir e homogeneizar a sua imagem, reduzindo sua identidade a um dos muitos elementos que os caracterizam: a área da cidade onde moram.

Deslocando o lugar do olhar para a zona dos “refugos humanos”, que segundo Bauman (2005) seriam aqueles seres considerados lixo, elemento descartado a ser mantido à distância, o Morrinho, construído no coração de um morro carioca (e que obriga aqueles que querem conhecê-lo a subir o morro e superar o seu preconceito de lugar) passa a ser tratado como arte internacional.

De acordo com Mary Louise Pratt, podemos dizer que há uma mudança na maneira de pensar as identidades assumidas por esses sujeitos e estas se redefinem, problematizando uma representação distorcida que se faz do Outro. Os jovens moradores de espaços populares deixam de ser “objeto” para serem sujeitos da sua própria imagem e da representação do espaço onde vivem. Linguagens complexas são adotadas por eles, pois além de contar histórias problematizam a maneira de contá-las visto que, de acordo com a autora os

grupos subordinados ou marginais selecionam e inventam a partir de materiais a eles transmitidos por uma cultura dominante [...]. Se os povos subjugados não podem controlar facilmente aquilo que emana da cultura dominante, eles efetivamente determinam, em graus variáveis, o que absorvem em sua própria cultura e no que o utilizam (PRATT, 1999, p. 30-31).

Essas novas teias de autorrepresentações envolvem estratégias de metaficção que nos remetem a construções nas quais o próprio fazer artístico se constitui em tema, como é o caso do romance *Niebla* do autor espanhol Miguel de Unamuno, no qual assistimos ao confronto do protagonista com o próprio autor. Outro caso exemplar cujos ecos podem ser identificados no curta dos meninos do Morrinho, em cuja dicção não esperamos encontrar tais elementos de experimentação de linguagem, é a peça de teatro *Seis personagens à procura de um autor*, de Luigi Pirandello, cujo argumento nos apresenta seis indivíduos que invadem o espaço onde ensaia um grupo de atores e tentam convencer o diretor da companhia a encenar suas vidas, ao mesmo tempo que negociam as próprias bases da representação.

A instalação artística e os vídeos disponíveis do Projeto TV Morrinho são fundamentais para que se construam espaços que possibilitem mostrar a potencialidade desses

jovens através de um olhar mais minucioso, atento e aberto às aptidões daquele visto como o Outro, em contraponto com a perspectiva estigmatizada socialmente, transformando a imagem da(s) favela(s) e a própria identidade de um grupo.

No caso do Pereirão, a TV Morrinho se coloca enquanto produtora de uma nova e positiva representação sobre as favelas inclusive através da reprodução desses espaços como obra de arte, apesar de compartilhar os dois lados da moeda – a violência faz parte do cotidiano, as lutas diárias dos moradores, seus sofrimentos e sonhos de mudança que, contudo, não se deixam levar pelo entrave maniqueísta de uma única abordagem, já que ambos são dados verídicos da realidade que os cercam.

Os habitantes destes espaços, a partir de condições específicas geradas pela segregação e dialogando com as representações coletivas existentes sobre eles e sobre o lugar que ocupam na dinâmica sociocultural constroem um novo discurso que coloca em discussão a visão etnocêntrica. Desse modo, uma nova imagem da favela é produzida, ela negocia com a imagem que se construiu sobre ela própria e se reinventa. Os curtas entram como meio eficaz de contornar essa visão dando voz aos jovens moradores da Favela e apagando, aos poucos, a visão da favela como *locus* de marginalidade e violência. Jovens economicamente desfavorecidos deixam de ser “objeto” para serem autores da sua própria imagem e do lugar onde vivem como um campo estratégico de luta.

Como uma espécie de “autoetnografia” (PRATT, 1999) nada inocente, sujeitos internos dialogam com os olhares externos que os excluem e/ou discriminam não mais como temas ou objetos dos discursos que circulam na cidade, mas agora como produtores de discursos sobre si mesmos, sobre o espaço onde vivem e sobre a cidade em geral. A informatização como instrumento de modernidade aparece como um elemento a mais neste processo de negociação e como um instrumento de empoderamento para estas novas vozes, antes silenciadas, ativarem na difusão de sua imagem concretizada através da instalação artística do Morrinho, e representando nesta espécie de maquete de todas as favelas o Rio de Janeiro episódios da vida e da(s) cultura(s) das favelas, de modo a pluralizar informações, olhares e vozes locais, gerando uma nova identidade coletiva no contexto global.

A informatização como instrumento de modernidade, discutida por Martín-Barbero e a disseminação das vozes, antes silenciadas dialogam intrinsecamente com a instalação Morrinho, demonstrando episódios da vida real nas favelas e sua pluralidade enquanto meio de vivência, meio artístico e meio cultural. Uma nova imagem da favela é realizada e a fala é dada de forma legítima pelos agentes internos, combatendo os olhares externos que os

excluem, discriminam e os veem como aquele que não consegue se autoexpressar, provando que apesar da fragmentação socioespacial ainda gritante, o “subalterno pode falar”.

Em suma, percebemos que o discurso dos jovens moradores do Pereirão apresenta uma linguagem refinada que põe em questão, assim como os autores modernos elencados – Miguel de Unamuno e Luigi Pirandello, o lugar da representação. Tijolo a tijolo, boneco a boneco, os infames, fadados ao anonimato, foram esboçando uma voz e dominando um mecanismo de representação que os tirou da invisibilidade e lhes deu existência concreta, e poderíamos mesmo dizer, alguma fama.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca*. Trad. Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

ALVITO, Marcos. *As cores de Acari: uma favela carioca*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BEVERLEY, John. *Subalternidad y representación: debates em teoria cultural*. Trad. Mayrlene Beiza y Sergio Villalobos-Ruminott. Madri: Iberoamericana, 2004.

BHABHA, Homi K. (Org.). *O local da cultura*. Belo Horizonte, UFMG, 1998.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad. Heloísa P. Cintrão e Ana Regina Lessa. São Paulo: Edusp, 1998.

_____. *Globalização Imaginada*. São Paulo: Editora Iluminuras, 2007.

HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Organização de Liv. Sovik. Trad. Adelaine La Guarda Resende et al. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais / projetos globais: colonialidade, saberes subalternos*

e pensamento liminar . Belo Horizonte: UFMG, 2003.

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Trad. Jézio Hernani Bonfim Gutierre. Bauru (SP): EDUSC, 1999.

PROJETO MORRINHO. Disponível em:
<http://cirlanoliveiraeprojetomorrinho.blogspot.com.br>. Acesso em 20 julho 2015.

SAID, Edward. W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

SCHWARZ, Roberto (Org.). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SELIGMANN-SILVA, M. *O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo: Ed. 34, 2005.

SOUZA, Marcelo Lopes de. *A prisão e a ágora: reflexões em torno da democratização do planejamento e da gestão das cidades*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

_____. *Fobópole: o medo generalizado e a militarização da questão urbana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

_____. *Desafio metropolitano: um estudo sobre a problemática sócio-espacial nas metrópoles brasileiras*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

VALLADARES, Licia do Prado. *A invenção da favela: Do mito de origem à favela.com*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2005.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. IN: SILVA, Tomaz T. (org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, Vozes, 2000. p. 103-133.

ZALUAR, Alba e ALVITO, Marcos. *Um século de favela*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

FILMOGRAFIA

A Revolta dos Bonecos (2007, MiniDV, Cor, Ntsc, 6', Animação/Ficção)

Direção: Renato Dias, José Carlos Junior. Sinopse: Bonecos-Lego iniciam uma revolta no Morrinho, na tentativa de viajar para a Bienal de Veneza acompanhando seus autores.

Lágrimas e Revolta pelo Irmão Alex (2001-2003, MiniDV, Cor, Ntsc, 2', Animação)

Direção, Roteiro e Elenco: Fábio Gavião, Nelcirlan Souza, Rodrigo de Maceda, Renato Dias, José Carlos (Junior), Luciano de Almeida, Paulo Vitor, Ranieri Dias. Sinopse: Inconformados da morte de Alex, os moradores da comunidade se revoltam e resolvem protestar em frente à delegacia do Morrinho.